



AS LINGUAGENS GEOGRÁFICAS DOS DOCENTES CURSISTAS DO PROFGEO – UFGD: contribuições e desafios da formação continuada

Ricardo Devides Oliveira ¹
ricardooliveira@ufgd.edu.br

Resumo

A presente pesquisa acadêmica busca descrever e discutir como os professores cursistas do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Ensino de Geografia (PROFGEO), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), mobilizam as linguagens geográficas em suas práticas docentes, relacionando os resultados com o processo formativo ocorrido ao longo do curso. Utilizou-se como metodologia principal a pesquisa participativa, que envolveu registros de debates, apresentações em sala de aula e questões específicas aplicadas junto aos nove (9) cursistas da turma do ano de 2025, realizados durante as aulas da disciplina de Linguagens e Educação Geográfica. A fundamentação teórica partiu da discussão sobre a perspectiva criativa e criadora no uso de diferentes linguagens no ensino de geografia, em diálogo com os princípios norteadores da educação geográfica, além dos referenciais específicos implicados em cada uma das linguagens. Das linguagens trabalhadas (Cartográfica, Musical, Pictórica: Imagética/fotográfica e o Cinema/Audiovisual), foram apontados diferentes usos, abordagens, limites e desafios por parte dos docentes cursistas do PROFGEO. Conclui-se, com base nas reflexões dos cursistas, que há uma significativa permeabilidade entre as funções criativas e criadoras das linguagens, onde a perspectiva criadora esbarra no pouco tempo disponível para o planejamento, estudo e desenvolvimento de práticas implicadas na linguagem como expressão, além de entraves de ordem infraestrutural e técnica dentro do ambiente escolar. Por outro lado, há um entendimento de que estas linguagens carregam uma potência educativa que permite ir além do seu uso como recurso didático. Os conhecimentos e saberes compartilhados ao longo do percurso formativo indicam evidentes contribuições da formação continuada *stricto sensu*, oferecida pelo PROFGEO, proporcionando um maior aprofundamento teórico e ampliação dos caminhos metodológicos frente aos desafios contemporâneos do ensino de geografia.

Palavras-chave: PROFGEO; Formação Docente; Linguagens Geográficas.

Introdução

A presente pesquisa acadêmica busca descrever e discutir, à luz da fundamentação teórica empregada, os resultados das experiências formativas realizadas durante a disciplina de Linguagens e Educação Geográfica, ocorrida ao longo do primeiro semestre do ano de 2025, no Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Ensino de Geografia (PROFGEO), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com os nove (9) cursistas matriculados no curso. O PROFGEO, estruturado em Rede Nacional, integra uma política educacional

¹ Doutor em Geografia Humana pela FFLCH – Universidade de São Paulo e Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino de Geografia (PROFGEO) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).



direcionada à formação continuada - contínua e permanente - de professores e professoras de geografia, visando significativas contribuições no âmbito da construção de saberes geográficos e do pensamento pedagógico-geográfico do professor (a), com o intuito de promover reflexões e atualizar os docentes frente aos desafios contemporâneos do Ensino da Geografia na Educação Básica. Para tal, o PROFGEO está organizado em três linhas de pesquisa: Saberes e Conhecimentos da Geografia no Espaço Escolar, Formação Docente em Geografia e As Linguagens no Ensino de Geografia.

Neste sentido, a disciplina Linguagens e Educação Geográfica foi ao encontro desta demanda, oferecendo aos cursistas subsídios teórico-metodológicos, debates, experimentações e um conhecimento mais específico e aprofundado sobre as potencialidades educativas das linguagens geográficas nas aulas de geografia, sob a ótica dos princípios e objetivos norteadores da educação geográfica, em consonância ao ementário da disciplina, que indica os seguintes pontos: (a) as linguagens na construção do pensamento espacial; (b) características e potencialidades das diferentes linguagens em percursos educativos e (c) experimentações com diferentes linguagens na educação geográfica. Os resultados que possibilitaram a presente reflexão foram obtidos por meio de aulas teóricas, leituras e discussão de textos, debates sobre as práticas docentes com linguagens, questionários aplicados durante as aulas e experimentações que, ao final, ofereceram um interessante diagnóstico sobre de que formas e sob quais perspectivas os professores cursistas mobilizam as linguagens geográficas em suas aulas, e quais novas abordagens foram incorporadas durante as atividades formativas realizadas ao longo da disciplina.

Utilizou-se como metodologia principal a pesquisa participativa, que envolveu registros de debates, apresentações em sala de aula e questões específicas aplicadas junto aos nove (9) cursistas da turma do ano de 2025, realizados durante as aulas da disciplina de Linguagens e Educação Geográfica. Orientou-se, ainda, pela fundamentação teórico-metodológica da disciplina, e partiu de uma discussão prévia sobre os movimentos de reconstrução ontológica dos saberes geográficos por meio do questionamento, da pesquisa e do debate (Rego, 2009), articulados às perspectivas criativa e criadora no uso de diferentes linguagens no ensino da geografia (Oliveira Junior; Girardi 2011, 2020), em diálogo com os princípios e objetivos da educação geográfica (Rego; Costella, 2019). Para os segundos autores (as), mencionados, a linguagem pode assumir uma dimensão comunicativa, com uma finalidade criativa, e uma expressão criadora, como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento



sobre o espaço (Oliveira Junior, Girardi, 2011, 4). Já a educação geográfica atravessa ambas as abordagens, possibilitando refletir que o conteúdo geográfico - e suas linguagens - não são autoevidentes, fazendo-se necessário encontrar caminhos que permitam produzir conhecimento para além da cópia, onde o professor se posiciona no cerne de uma práxis educativa (Gonzáles 2010 apud Rego; Costella, 2019).

Na próxima etapa do programa disciplinar, foram realizadas discussões de autores (as) e levantamento de questões didático-pedagógicas, epistemológicas e metodológicas para cada uma das linguagens, iniciando com aulas teóricas, seguidas de debates pautados por leituras de artigos, buscando tensionar os saberes e práticas escolares dos professores (as) cursistas. As linguagens geográficas foram divididas em quatro grupos, organizados em sequência: Linguagem Cartográfica, Linguagem Musical, Linguagem Pictórica (Fotográfica e Imagética) e Cinema e Linguagem Audiovisual.

Das linguagens trabalhadas, foram apontados diferentes usos, abordagens, limites e desafios por parte dos docentes cursistas do PROFGEO-UFGD. A seguir serão descritas e discutidas, em síntese, cada uma das linguagens geográficas, destacando os resultados alcançados durante o percurso formativo sob o olhar da fundamentação teórica empregada na disciplina.

Linguagens e educação geografia: percursos formativos

A linguagem cartográfica foi considerada pelos cursistas como fundamental, sobretudo pela crença de que os mapas são essenciais para a introdução e desenvolvimento do pensamento espacial nos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Mapas impressos são mais práticos e acessíveis no contexto escolar brasileiro, no entanto, mapas em versão digital e percursos cartográficos por meio de ferramentas como o *Google Maps* e *Google Earth*, também são utilizados, quando a instituição escolar oferece as condições tecnológicas necessárias. Percebeu-se uma tendência na aplicação de práticas de ensino com mapas mentais e cartografias afetivas, buscando a participação ativa e o protagonismo dos estudantes na produção dos mapas, relacionando-os com o cotidiano vivido e o conceito de lugar. Refletiu-se que mapear, na geografia, envolve inúmeras possibilidades para além do plano político-cartesiano, podendo incluir o que é lembrado, imaginado e vivido (Cosgrove, 1999). Já os saberes geográficos e os processos formativos ligados à Alfabetização e Letramento Cartográfico e a Cartografia Escolar



Tátil se colocaram como abordagens novas para os cursistas, que demonstraram grande interesse nestes temas.

Quanto à linguagem musical, os cursistas assumiram a sua relevância para as aulas de geografia, e todo o grupo indicou que mobiliza a música sob as seguintes perspectivas: (I) como forma de estimular o aprendizado dos conteúdos geográficos, (II) por meio da Análise de Conteúdo das letras e (III) como recurso didático (ação criativa). As temáticas da regionalização e urbanização, bem como os conceitos geográficos, são predominantes nas práticas com músicas, buscando uma relação de verossimilhança entre o conteúdo da letra e o conteúdo geográfico ensinado. Foram introduzidas novas perspectivas, articulando docência e pesquisa, a exemplo do *musical hearts* e da ambientação das músicas (Kong, 1995), e sobre os efeitos territorializantes dos sons - os *muzaks* - proposto pelo geógrafo e músico francês Frederic Lamantia (2003). Constatou-se, também, um grande interesse em pensar e propor práticas com paisagens sonoras, alicerçadas nas geografias sensíveis e na necessidade de incorporar outras maneiras de interpretação do espaço geográfico e da natureza.

A linguagem pictórica, incluindo nestas as imagens e a fotografia, mostrou-se um vasto campo de possibilidades. Partiu-se da análise de algumas fotografias dos fotógrafos brasileiros Sebastião Salgado (1944-2025) e Araquém Alcântara, e dos diferentes significados e origens etimológicas da palavra “imagem”, para demonstrar a dimensão pedagógica desta linguagem e sua potência educativa e geográfica, dado que criar uma imagem do espaço é grafar um pensamento espacial (Oliveira Junior; Girardi, 2021). Os docentes compreenderam que alternar imagens e fotografias em preto e branco com coloridas, imagens verticais e horizontais, planos próximos e distantes, contribuem para diversificar a interpretação geográfica sob diferentes pontos de vista, recortes e escalas de análise.

Os cursistas percebem que a imagem tem um efeito de verdade - ela comprova a existência de algo! - embora não a realidade em si, mas uma representação ou recorte singular do real. Os cursistas concluíram que a imagem não é o real, mas ela permite alcançar o real. Em suas práticas, a imagem e a fotografia são comumente utilizadas sob uma perspectiva criativa, estética e ilustrativa; mas, nesta linguagem em particular, ambas as perspectivas (criativa e criadora), se alimentam mutuamente em seus engajamentos (Oliveira Junior; Girardi, 2011), já que uma ação, a princípio, criativa, pode levar à uma interpretação mais completa, se adequadamente mediada pelo docente, estabelecendo conexões com as características, particularidades e contradições do real representado.



Os debates e práticas sobre a linguagem do cinema e o audiovisual possibilitaram importantes aprendizados e *insights* sobre o assunto. O audiovisual, no formato filme, é o mais utilizado pelos docentes cursistas, e outros formatos (curtas-metragens, documentários, animações) são raramente aplicados, exceção feita aos *clips* musicais, em situações de aprendizagem com música. Os filmes mais utilizados pelos docentes compõem um grupo diversificado de produções fictícias e/ou baseadas em histórias reais, geralmente *hollywoodianas*, sempre articuladas para reforçar um determinado conteúdo da geografia, conforme exposto em pesquisa por Nunes (2023). No entanto, filmes nacionais, em menor escala, também são utilizados. Por outro lado, dado por um contínuo incremento e popularização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) - com seus respectivos dispositivos móveis - há um evidente crescimento de práticas que envolvem os estudantes em produções audiovisuais, seja em caráter experimental, seja integrada à projetos escolares interdisciplinares.

No caso da linguagem audiovisual e do cinema, os relatos dos cursistas apontam para uma maior dificuldade de realizar ações criadoras, que produzam conhecimento, em razão do pouco tempo disponível para o estudo, planejamento e aplicação de atividades que podem durar vários tempos de aula. Filmes longos impõe outros desafios que vão da negociação de mais tempos de aula com outros docentes à dificuldade de “prender” a atenção dos estudantes por longos períodos. Nas outras linguagens, estes obstáculos são mais facilmente superados, pois as inserções, nas aulas - de mapas, músicas, imagens e fotografias - são mais rápidas e podem ser depuradas/fragmentadas no interior dos conteúdos. São, também, produções mais acessíveis do ponto de vista do tempo disponível para o planejamento de uma aula, e mesmo no processo cognitivo implicado em determinada ação de aprendizado, se utilizada como recurso didático.

Ao final da disciplina, os cursistas apresentaram propostas de aulas de geografia utilizando uma ou mais linguagens geográficas, onde o cinema e o audiovisual (5 vezes) foi a linguagem mais representada, seguida da linguagem cartográfica (4 vezes), a musical (4 vezes) e as imagens e a fotografia (3 vezes). As propostas sinalizaram potenciais conexões pedagógico-geográficas entre as linguagens, possibilitando inúmeras combinações: Imagem-Mapa, Música-Imagem, Música-Mapa, Filme-Imagem-Mapa etc. Constatamos, também, uma forte contribuição das linguagens para o aprendizado sobre as categorias e conceitos da geografia, que também não devem ser compreendidos de maneira isolada.



Considerações finais

Os percursos formativos ocorridos ao longo da disciplina Linguagens e Educação Geográfica, no PROFGEO-UFGD, resultaram em inúmeros aprendizados por parte dos docentes cursistas. A abordagem das linguagens sob a ótica da educação geográfica permitiu compreendê-las para além dos seus usos como recurso didático ou item estético e ilustrativo em uma aula de geografia. Os professores perceberam a potência educativa destas linguagens e, embora ainda tratada na maioria das vezes como recurso, ao mesmo tempo sentiram que também podem produzir conhecimentos e saberes a partir das linguagens geográficas, indicando uma permeabilidade e entrelaçamento entre as abordagens criativas e criadoras.

Algumas das questões levantadas demonstraram a capacidade dos docentes de refletir sobre as dimensões epistemológica, pedagógica e metodológica que envolvem as linguagens geográficas. Foram questionamentos implicados nas singularidades e limites do real representado, nos processos de subjetivação, na educação do olho, na supremacia do mapa cartesiano, na afetividade que atravessa a construção de saberes geográficos e na hegemonia do visual perante os outros sentidos corporais, apenas para citar alguns dos pontos registrados durante os debates. Evidenciou-se uma forte conexão entre alguns dos princípios e objetivos da educação geográfica (raciocínio espacial, formação crítica e cidadã, protagonismo do sujeito) e a comunicação e expressão por meio das linguagens geográficas.

A formação continuada ofertada pelo PROFGEO está proporcionando níveis de aprendizados e reflexões que formações docentes mais pontuais por vezes não conseguem alcançar. Atravessadas por uma abordagem horizontal e partilha de experiências, os saberes-fazeres construídos pelos professores cursistas ao longo da disciplina estão sendo rapidamente assimilados em suas intenções de pesquisa e aplicados em suas práticas docentes na escola.

Referências bibliográficas

COSGROVE, Denis. **Mappings**. Londres: Reaktion Books, 1999.

KONG, Lily. Popular Music in Geographical Analysis. **Progress in Human Geography**, University Colorado, V. 19, n. 2, p. 183-198, 1995. DOI: 10.1177/030913259501900202. Disponível em: <https://ink.library.smu.edu.sg/soss_research/1740>. Acesso em: 19 julho. 2025.



REGO, Nelson; COSTELLA, Roselane Zordan. Educação geográfica e ensino de geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia-GO, v.1, 2019, p. 1-15. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59454>>. Acesso em: 17 julho. 2025.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia, 11, 2011. Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2011, p. 1-11. Disponível em: <<https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>>. Acesso em: 18 julho. 2025.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M; GIRARDI, Gisele. O cinema como diferença na linguagem do Ensino de Geografia: cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.872. Disponível em: <<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/872>>. Acesso: em 18 julho. 2025.

REGO, Nelson. Geografia, Educação, Linguagem: elementos de uma reconstrução ontológica. **Revista da ANPEGE**, v. 5, n. 05, p. 3-15, 2017. DOI: 10.5418/RA2009.0505.0001. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6585>>. Acesso em: 17 julho. 2025.

GONZÁLES, Manuel Souto. ¿Qué escuelas de Geografía para educar en ciudadanía? **Revista Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales**, n. 24, p. 25-44, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3323305>>. Acesso em: 18 julho 2025.

NUNES, Flaviana Gasparotti. Cinema e Professores de Geografia. Aproximações e distanciamentos: Considerações a partir da rede pública de Dourados (MS). **Educação Temática Digital (ETD)**. Campinas, v. 23, n. 2, p. 415-429, 2021. DOI: 10.20396/etd.v23i2.8661496. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8661496>>. Acesso em 18 julho 2025.

LAMANTIA, Frédéric. Les effets "territorialisants" des sons, reflets de la société en ses lieux et de ses états d'âme. **Géocarrefour**. v.78, n. 2, 2003, p. 173-175. DOI: 10.4000/geocarrefour.281. Disponível em <<https://journals.openedition.org/geocarrefour/281?lang=en>>. Acesso em: 20 julho. 2025.